

12

Considerações Finais

“Para mim, a ENECOS é uma outra faculdade”. Essa frase, dita pela então coordenadora da Regional Rio em 2005, evidencia algumas das minhas impressões após os nove meses de trabalho de campo vivenciados na pesquisa aqui apresentada. Ao que tudo indica, a Executiva Nacional dos Estudantes de Comunicação Social oferece uma experiência única a seus participantes. Ao entrar em contato com as propostas e atuação da ENECOS os estudantes modificam suas visões de mundo e seus modos de se relacionar com a universidade, com a mídia e com a sociedade. Ou seja, fazer parte da ENECOS parece fazer a diferença na formação política desses estudantes. Desta forma, encontro a relevância desse trabalho de pesquisa no campo da educação. Cada vez mais se torna necessário aos educadores debruçarem-se sobre as formas como os jovens têm construído conhecimentos e campos de sentido para as suas percepções e atuações no mundo. Sendo assim, a ENECOS configura-se como *lócus* de formação, criando estruturas e vigas, ânimos e encontros, textos e trocas.

No entanto, vale ressaltar que após essa pesquisa, pude perceber a presença de problemas de comunicação e planejamento que a entidade enfrenta, principalmente no que diz respeito à divulgação de sua existência e de suas intenções de luta para os próprios estudantes de Comunicação Social. Não encontrei nos murais das universidades observadas no Rio de Janeiro nenhum cartaz fazendo referência a ENECOS, como forma de apresentação aos alunos que não conhecem o trabalho da Executiva e divulgação da sua página na Internet. Os estudantes deixaram prevalecer o corpo-a-corpo, o boca-a-boca, sem maiores atenções com o registro histórico de suas atividades e fundamentações escritas de suas lutas. Mesmo a página na Internet esteve desatualizada e com erros de configuração durante todo o tempo da investigação, quando na verdade, por serem estudantes de Comunicação Social, a preocupação em conseguir comunicar seus ideais talvez pudesse ser alcançada com maior eficácia.

As listas de discussões virtuais apareceram como um meio ativo e profícuo de trocas textuais entre os estudantes, de formação contínua e contato com redes relacionais cada vez mais intensas, inclusive com ex-alunos, professores e representantes de movimentos sociais. Entretanto, quando a lista era

utilizada para lançar avisos e datas de reuniões ou eventos de diferentes tipos, a falta de antecedência engolia o potencial difusor desse instrumento, porque os interessados muitas vezes não conseguiam se organizar para reservar horários à participação.

Os atrasos para iniciar as reuniões também foram uma marca negativa, porque muitas vezes conversei com estudantes novos que ficaram sabendo da reunião, mas que não podiam “esperar mais para começar”. Foram os mesmos atrasos e demoras para a organização do ERECOM-Rio que acabaram por resultar no esvaziamento de um encontro que tinha tudo para ser um abre-alas interessante aos estudantes que ainda não conhecem a ENECOS. Para os que conseguiram comparecer, entretanto, os laços ficaram fortalecidos após os três dias de convivência e contato com palestrantes, quando passaram a se envolver com muita animosidade nas reuniões pelo lançamento da Telesul e organização da III Semana pela Democratização da Comunicação.

O conteúdo das reuniões realizadas pela Regional Rio não era registrado em atas pelos estudantes, o que impossibilitava a divulgação dos caminhos, escolhas, pendências e planejamento do grupo para que um público mais abrangente pudesse acompanhá-los. Se as atas fossem disponibilizadas como documentos na própria lista virtual ou se fossem divulgadas em algum *blog* específico da Regional, acredito que novos contatos pudessem ser facilitados. O próprio acréscimo de estudantes às listas era demorado e falho. Se havia a preocupação em passar uma folha de papel a cada reunião com alunos que ainda não conheciam a ENECOS para que colocassem seus nomes e endereço eletrônico, o acesso às listas se perdia por falta de organização dos moderadores, que não encontravam a “senha” para realizar tal procedimento.

O Grupo de Estudo e Trabalho sobre a Democratização da Comunicação, por sua vez, embora tenha demonstrado uma considerável viabilidade para a exposição de fontes alternativas de informação e leituras sobre o tema, assim como o anúncio de eventos, não produziu textualmente – ao menos no período observado - nenhum posicionamento oficial da ENECOS, instaurando um paradoxo. Mas e o “trabalho” do GET, qual teria sido? Claro que se oferecer como um espaço mediador e de troca já possui um valor em si, mas poderia ter sido melhor explorado.

Na minha opinião, entretanto, o mais grave foi não a falta de relatorias das reuniões da Regional Rio, mas a não sistematização e divulgação das mesmas a partir do que foi deliberado no COBRECOS. Se esse é o encontro que decide através de votações quais serão os posicionamentos que a ENECOS adotará por todo um ano, seria extremamente necessário que as justificativas fossem apresentadas ao público que não pode estar presente participando das discussões. Se na página da ENECOS ficam disponíveis apenas as resoluções votadas, como os estudantes que não estão inteirados do processo poderão entender, aceitar ou refutar tais escolhas? Que base teórica os alunos possuirão para fundamentar as alamedas priorizadas pela ENECOS?

Por outro lado, o grupo não pode ser responsabilizado a largas porções pelo esvaziamento do movimento estudantil do curso de Comunicação Social como um todo, pois há questões conjunturais desenhando o entorno para que essa realidade venha à tona. Para que a Executiva possa atuar, os centros acadêmicos precisam estar ativos, com estudantes partícipes e motivados. Sem a organização dos universitários em cada “escola”, o acesso da ENECOS até os estudantes fica comprometido, pois quando há o resguardo dos centros acadêmicos consegue-se dinamizar as discussões e levar adiante projetos de intervenção pública com mais consistência. As listas de discussão virtuais têm permitido agregar esforços a partir de envolvimento individuais, mas são mais bem aproveitadas quando contam com o apoio de organizações locais.

Os projetos pedagógicos das universidades, entretanto, não parecem valorizar o espaço dos centros acadêmicos como legítimos ou enriquecedores. A participação dos estudantes em atividades para além da sala de aula não é comumente incitada pelas instituições ou por uma parcela significativa de professores, salvo o cada vez mais cedo contato com o mercado de trabalho, através de estágios não regulamentados.

Até mesmo em universidades públicas – nas quais está matriculada a maior parte dos estudantes ligados a ENECOS – os centros acadêmicos não tinham estado em funcionamento de forma permanente. Todas os treze estudantes observados na Regional Rio indicaram essa marca em seu histórico: ou tiveram que abrir pela primeira vez um centro acadêmico (caso da UNESA-Bispo, UNICARIOCA e Pinheiro Guimarães), ou fizeram parte do grupo que ajudou a reabri-lo após períodos de fechamento ou letargia (UFF e UERJ). Apenas na

PUC-Rio que o centro acadêmico perdeu o seu caráter político *stricto sensu*, assumindo uma “autogestão” voltada para a promoção de atividades culturais internas.

Em todos esses casos, a razão que levou a abertura ou reativação dos centros acadêmicos foi disparada a partir da ENECOS, o que demonstra a importância da Executiva para a organização dos estudantes. Seja através dos encontros promovidos ou das oficinas oferecidas, seja pelo contato com amigos que já conheciam a ENECOS ou de professores que divulgaram cartazes no *campus*, o que importa dizer é que feito o primeiro contato, a rede começa a crescer, ganhando novas contas e texturas. Um universo de questões começa a ser apresentado, passando pelos eixos “sociedade”, “comunicação” e “educação”, pois como foi dito, a ENECOS acompanha principalmente as políticas da área da Comunicação Social, mas sem nunca se limitar às mesmas. A idéia de pensar os rumos do país como um todo é muito forte e para isso os estudantes vão aprendendo a ficar atentos às escolhas políticas feitas pelos diferentes governos, relacionando-as às propostas educacionais.

Pensar e criticar as políticas para os cursos de Comunicação Social – o que diria respeito ao eixo “educação” – não está dissociado da preocupação dos mesmos com o eixo “comunicação”. A linha de pensamento do grupo segue um caminho que enxerga uma inexorável interligação entre esses assuntos. Como será possível democratizar a comunicação, se os estudantes não estão sendo formados nas universidades para ao menos pensar que o modelo de comunicação brasileiro possa ter alguma coisa de errado? Os dois eixos citados desembocariam num outro rio, “sociedade”. Nesse item, os jovens articulam as escolhas políticas dos dois primeiros eixos como frutos das intenções do governo, cada vez mais pendente às reformas neoliberais.

A capacidade de formação oferecida pela Executiva se torna, assim, extremamente abrangente. Nos encontros promovidos pela ENECOS, foram convidados professores e representantes de movimentos sociais organizados como forma de despertar a necessidade de transformação da sociedade a partir do envolvimento de cada um, da luta coletiva e do não conformismo. Não seria o desenvolvimento dessas posturas algo caro à Educação, ou seja, a formação de alunos para intervir na realidade social, pensar alternativas através da organização de grupos, ler e se debruçar sobre as políticas da área? E por que essas questões

não se tornam o t \hat{u} nus, centro e cora \hat{c} o dos objetivos pedag \acute{o} gicos n \acute{o} apenas para o ensino superior, mas desde a educa \hat{c} o b \acute{a} sica?

Posso dizer que os questionamentos que surgem do grupo, as inten \hat{c} oes de intervir na sociedade para al \acute{e} m dos muros da universidade e o compromisso em tentar transformar a realidade social podem soar como inspira \hat{c} o, que ultrapassam todos os percal \hat{c} os observados na atua \hat{c} o do grupo. O mais importante a pensar me parece o seguinte: qual seria o principal papel da escola e da universidade? Formar profissionais para o mercado de trabalho? Ou aliar aos conhecimentos gerais e espec \acute{i} ficos espa \hat{c} os reflexivos para se pensar o mundo pol \acute{i} tico em que se vive, de forma a incitar atua \hat{c} oes participativas e cidad \acute{a} s?

As \acute{a} guas do movimento estudantil movem moinhos, ocupam as ruas – tanto de asfalto como as virtuais - e entregam cartas, manifestos. S \acute{o} \acute{a} guas que pintam cartazes e fazem do tempo individual um convite a c \acute{i} rculos maiores, dos quais da uni \acute{o} pretende-se gerar a for \hat{c} a. H \acute{a} esperan \hat{c} a e persist \hat{e} ncia, vontade de a \hat{c} o e entrega, uma preocupa \hat{c} o com o outro, com aquele ainda n \acute{o} conhece as bandeiras de luta, mas que pode vir a conhecer – e assim, poder \acute{a} a passar a compor com seus fios uma rede ainda mais consistente, longa e capaz de transforma \hat{c} oes.

Sobre como foram sendo forjadas as concep \hat{c} oes de m \acute{i} dia dos estudantes, encontrei caminhos e atalhos, costurando rela \hat{c} oes muito interessantes. N \acute{o} basta o aluno estar matriculado num curso de Comunica \hat{c} o Social para passar a pensar as m \acute{i} dias de uma maneira diferente, para tentar transforma-la. N \acute{o} \acute{e} o curr \acute{i} culo do curso de Comunica \hat{c} o Social que trabalha a democratiza \hat{c} o da comunica \hat{c} o como possibilidade e meta. Os estudantes reclamam, ao inclusive, da falta de parceria com o corpo docente para levarem adiante suas lutas.

Aulas nas quais estudantes reproduzem pe \hat{c} as publicit \acute{a} rias explorando as mulheres como s \acute{i} mbois sexuais sem que isso seja mote para uma discuss \hat{c} o sobre quest \hat{o} es de g \acute{e} nero pelos professores, ou ainda, a reprodu \hat{c} o de programas de r \acute{a} dio com fofocas ou revistas valorizando celebridades foram citadas como desperd \acute{i} cio do espa \hat{c} o e tempo universit \acute{a} rio para se pensar alternativas \grave{a} comunica \hat{c} o, que segundo eles, precisa ser transformada. Se os docentes se aproximassem do movimento estudantil, entendendo esse espa \hat{c} o para al \acute{e} m da sala de aula como pr \acute{a} ticas culturais a ser valorizadas, a aprendizagem cooperativa enriqueceria a possibilidade de atua \hat{c} o dos mesmos. Os estudantes querem

caminhar para além da técnica, para além dos manuais de redação pomposamente apresentados por grande parte dos professores. Querem questionar e transformar a comunicação, querem acompanhar as políticas que embasam as atuais leis sobre a Comunicação no país e se posicionar de maneira reflexiva, lutando por mudanças quando for preciso. Os universitários querem negociar direitos, mostrando que são capazes de participar dos processos de definição e luta pelos mesmos.

Sendo assim, não foi o curso de Comunicação Social o principal mediador para que fossem forjadas as concepções de mídia do grupo estudado. O movimento estudantil relacionado a movimentos sociais gerais foi o peso que mais moveu a balança para a entrada no movimento pela democratização da comunicação, trazendo braços e opções de atuação ao que antes poderia ser apenas uma intenção vinda de casa e/ou motivada por professores de História e Geografia no Ensino Médio.

Observei que o contato com a ENECOS possibilita aos interessados a abertura de uma miríade de opções, que convergem para uma maior consistência teórico-prático em relação à democratização da comunicação. Apresentados à ENECOS e ao movimento pela democratização da comunicação, os jovens percebem que os anseios nos quais passam a se ancorar também recebem atenção e são motivos de reivindicação por diferentes setores da sociedade civil. Publicações alternativas, como a Revista Caros Amigos, Carta Capital e jornal Brasil de Fato são citados pelos estudantes em todo país como suportes fundamentais, assim como a página virtual do Observatório da Imprensa, Agência Carta Maior, FNDC, Intervezes e CMI – os quais eles dizem não saber da existência antes da presença da ENECOS em suas vidas. O programa de televisão mais assistido é o “Roda Viva”, da TV Cultura. Há também uma série de autores que são tidos como referências acadêmicas¹. Esse conjunto de contatos contribui não apenas para a formação dos universitários, mas para o alargamento de suas redes de esperança de mudança.

Não seria possível dissociar as considerações que ora escrevo da estrada que escolhi para ser solo da investigação. A chave parece estar na migração, também no campo da Educação, dos meios às mediações, nos estudos de caso que possam revelar – e revelam - réplicas em relação à mídia. Esse trabalho reforça que a forma como as pessoas dão sentido ao que é veiculado pela mídia dependerá muito das fontes de mediação disponíveis e presentes a cada contexto vivido. A

comunicação assim, não aparece como um processo onipotente, mas que bate e volta refletido a partir das relações interpessoais de cada um.

Em janeiro de 2006 recebi pela lista virtual da Regional Rio um documento, escrito pela chapa eleita para a gestão desse mesmo ano da ENECOS, chamado “Para mudar o rumo dos ventos”, com 38 folhas. A cada página que descia os olhos, encontrava a sistematização para todas as perguntas que tinha feito ao longo do tempo em que os acompanhei. Os estudantes demonstraram estarem cientes das falhas internas ao planejamento, divulgação e registro histórico do movimento, propondo mudanças. Não sei se a constância do meu olhar contribuiu de alguma maneira para que elaborassem esse documento e talvez isso não importe, pois foge aos limites desse trabalho. Posso dizer apenas que os fitando agora ao longe, percebo um movimento de construção interna que pode vir a levar a uma construção “das pernas” que tanto dizem sentir falta para levarem seus projetos cada vez mais adiante. Em última análise, posso dizer que se muitos alunos seguem o *curso* de Comunicação Social, enquanto outros acabam por construir *percursos* de formação para além da universidade - interagindo com movimentos sociais e ocupando o espaço público, a ENECOS se afirma, nesse contexto, como facilitadora para a construção de novos sentidos e usos sociais das mídias.